

PSICANÁLISE E GÊNERO: NOVOS DEBATES RUMO À DESPATOLOGIZAÇÃO

PSYCHOANALYSIS AND GENDER: NEW DEBATES

TOWARDS DEPATOLOGIZATION

Daniel Boianovsky Kveller

LIVRO: HISTERIA E GÊNERO: SEXO COMO DESENCONTRO

ORGANIZADORES: PEDRO EDUARDO SILVA AMBRA E NELSON DA SILVA JUNIOR

SÃO PAULO: NVERSOS, 2014, 287 p.

Tem se tornado comum ouvir que as questões de gênero constituem um *novo* campo de diálogo para a psicanálise, um assunto importante a ser pensado frente às *novas* configurações familiares e às *novas* maneiras de viver a sexualidade que habitam nossos tempos. Do ponto de vista histórico e antropológico, no entanto, não há nada propriamente novo nesses ditos “novos” modelos familiares e “novas” sexualidades (RUBIN, 2017). Eles estão aí há décadas, e se só agora podem ser vistos como maneiras legítimas de existência, então deveríamos desconfiar que o problema estava mesmo em nossos olhos, em nossa maneira de enxergar. Vale lembrar que a psicanálise, ao longo do século XX, teve um papel importante na marginalização de pessoas homo e transexuais, tanto pela via da patologização (PORCHAT, 2014; CUNHA, 2016), quanto pelo veto não oficial de sua participação em instituições oficiais de formação (BULAMAH, 2016). Para ser mais preciso, então, poderíamos dizer que a novidade nas recentes publicações e debates psicanalíticos não é o gênero *per se*, mas a assunção, por parte de alguns psicanalistas, de diferentes pressupostos políticos e éticos relativos à despatologização das dissidências sexuais e uma consideração maior das pautas que há algumas décadas levantam os movimentos feministas e LGBT.

É nesse sentido que o livro *Histeria e gênero* (AMBRA; SILVA JUNIOR, 2014) chega ao público como novidade. Trata-se de uma coletânea de ensaios organizada por Pedro Ambra e Nelson da Silva Júnior a partir das discussões suscitadas no Laboratório de Teoria Social, Filosofia e Psicanálise da Universidade de São Paulo. Como se dá a ver pelo título escolhido, as autoras e autores, membros do próprio laboratório ou convidados externos, costumam o debate entre psicanálise e gênero a partir da questão da histeria, o que, pode-se dizer de antemão, é um dos aspectos mais interessantes da empreitada. De acordo com Van Haute e Geyskens (2016), a histeria é não apenas uma das categorias mais clássicas da teoria psicanalítica, mas também uma testemunha com boas condições de atestar a posição ambígua do exercício clínico em relação às normatividades de gênero. Tomá-la como ponto de partida para pensar as questões de gênero é uma aposta ousada e necessária para reafirmar a potência desse conceito em um momento em que não há outra saída a não ser o debate honesto e plural.

De maneira geral, podemos dizer que há um esforço comum das autoras e autores para, por um lado, questionar o modelo da histeria como patologia e, de outro, escapar à sua associação historicamente naturalizada com as mulheres, entendendo-a menos como um correlato biológico ou um desvio em relação a

um desenvolvimento pré-determinado dos sujeitos, e mais como uma operação discursiva constituinte do laço social. Os textos assinados por Júlio de Castro e Tiago Rodrigues são particularmente interessantes, nesse contexto, por abordarem com densidade teórica a indissociabilidade entre clínica e social. Vale destacar também o texto assinado pelos próprios organizadores, onde vemos o discurso histórico como um questionamento profundo de saberes institucionalizados, como um enigma que desafia o binarismo normal-patológico e – por que não? – algumas certezas pressupostas pelos próprios estudos de gênero: “sob o prisma da neurose histérica, a questão de gênero se enriquece e se complexifica, uma vez que se mostra como a tradução de outras duas questões dirigidas ao outro [...]: ‘Quem sou?’; a segunda: O que você deseja de mim, para que eu possa ser o que lhe completa?” (AMBRA; SILVA JUNIOR, 2014, p. 272). Há, por fim, textos que não tratam especificamente da questão da histeria, mas que ainda assim trazem contribuições importantes para o diálogo pretendido: refiro-me ao artigo de Patrícia Porchat, que abre o livro com uma rica reconstrução da teoria da performatividade de gênero em Judith Butler, e de Adriana Perassi Bosco e Vera Paiva, que apresentam o paradigma construtivista como um aliado na crítica aos essencialismos que muitas vezes estão em jogo no debate sobre diversidade sexual.

Como podemos ver, a pluralidade e a diversidade de abordagens são outras características marcantes da publicação. Em *Histeria e gênero*, encontramos diferentes recortes da psicanálise, abordagens clínicas e teóricas, diálogos com autores da linguística, do construtivismo e com a história da psiquiatria. Não há defesas de um único modelo de psicanálise ou propostas de retorno a uma verdadeira leitura do texto freudiano, mas o convite para pensar a psicanálise em suas variantes e multiplicidades. Escapamos, felizmente, de conclusões fáceis e julgamentos prontos sobre a atualidade e a validade dos estudos psicanalíticos para os debates políticos contemporâneos.

REFERÊNCIAS

- AMBRA, P. E. S.; SILVA JUNIOR, N. da. **Histeria e gênero**. São Paulo: nVersos, 2014.
- BULAMAH, L. **História de uma regra não escrita**: a proscricção da homossexualidade masculina no movimento psicanalítico. São Paulo: Annablume, 2016.
- CUNHA, E. L. A psicanálise e o perigo trans (ou: por que psicanalistas têm medo de travestis?). **Revista Periódicus**, v. 1, n. 5, p. 7-22, 2016.
- PORCHAT, P. **Psicanálise e transexualismo**: desconstruindo gêneros e patologias com Judith Butler. Curitiba: Juruá, 2014.
- RUBIN, G. Pensando o sexo. In: **Políticas do sexo**. São Paulo: Ubu, 2017.
- VAN HAUTE, P.; GEYSKENS, T. **Psicanálise sem Édipo?** Uma antropologia clínica da histeria em Freud e Lacan. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

Daniel Boianovsky Kveller
 Psicólogo, mestre em Psicanálise: Clínica e Cultura (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) e doutorando em Psicologia Social e Institucional (Universidade Federal do Rio Grande do Sul).
 E-mail: dkveller@gmail.com